

Maria José Soares

O
fio do cabelo



Q

fio do cabelo

Maria José Soares

O
fio do cabelo



Rio de Janeiro
2020



A AUTORA responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo desta OBRA, bem como isentam a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara sob as penas da Lei ser de sua única e exclusiva autoria.

O fio do cabelo
Copyright © 2020, Maria José Soares
Todos os direitos são reservados no Brasil

Impressão e Acabamento:

Pod Editora
Rua Imperatriz Leopoldina, 8/1110 – Pça Tiradentes
Centro – 20060-030 – Rio de Janeiro
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br
www.podeditora.com.br

Projeto gráfico:

Pod Editora

Revisão:

Edna Solange do Nascimento

Imagem de capa:

www.pixabay.com e www.123rf.com

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização da autora.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

S655f

Soares, Maria José de Figueiredo

O fio do cabelo / Maria José de Figueiredo Soares. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Pod,
2020.

98 p. : 21 cm.

Inclui índice

ISBN 978-65-86147-06-3

1. Romance brasileiro. I. Título.

20-63418

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

18.03.20

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Prefácio

O fio do cabelo vai estar em situações que irão mostrar a sua história.

Essa leitura intrigante, romântica e misteriosa!

Escrevo porque gosto, gosto porque posso colocar aqui o que me vem à mente e, nos meus pensamentos, vejo e revejo histórias, fantasias e vidas que na história podem ser contadas, mesmo que elas sejam verdades das vidas amorosas.

Fio de cabelo irá passar por todas as páginas como o personagem mais falado, e incrivelmente você poderá olhar para um fio de cabelo como um alerta na sua vida.

Depois do que será narrado, o fio de cabelo, sendo seu, do outro ou de quem você nem conhece irá mudar a sua percepção de ver as coisas.

Espero que você goste, para mim vai ser uma aventura escrever nestas páginas a seguir uma história diferente que será um desafio desta ideia que me pareceu intrigante.

Espero que leia até o final, afinal muitas surpresas virão no virar de cada página.

Dedico este livro a todos os profissionais: os cabelereiros que, na sua arte, trazem alegrias para as pessoas com os lindos cabelos elaborados por eles, aumentando assim a autoestima, de alguma forma.

Abraços,

Maria José Soares.

Odete trabalhava num comércio numa pequena cidade no interior de Minas Gerais – Brasil. Odete não tinha uma beleza atraente, mas seus olhos negros meigos e doces davam a ela um olhar angelical e tranquilo: todos que dela se aproximavam sentiam seguros e uma certa paz.

Odete era uma pessoa que queria ter sucesso profissional, por isso dedicava seu tempo no trabalho com uma presteza incrível. Tudo era organizado por ela. Sempre que era chamada para falar de como iam os negócios, tinha as anotações diárias prontas com muita presteza.

Odete queria muito o cargo de gerente e fez por merecer. Seu gerente lhe dava a oportunidade de conhecer melhor o negócio de moda. Ser modista seria o seu segundo desejo. Ingressar numa faculdade de moda era o sonho de todas as jovens.

Aquele ano estava abrindo esta nova modalidade no Brasil, e essa poderia ser sua carreira no futuro.

No Caribe, tive o momento de escrever a história de Odete. Era perfeita ao som do mar, no calor, caminhando, e estar só por seis dias ali seria ideal.

Odete pensou em começar a fazer um curso de supletivo avançado do 2º grau para prestar o vestibular. Não seria fácil, trabalhar e estudar teria que ser com muito sacrifício, pois tudo que fizera sempre era feito com muito esforço e determinação.

A vida de Odete estava completa, seu trabalho ia bem e a escola a motivava a crescer na ideia de ser uma estilista. Vivendo seus sonhos, começando a ter a sua independência financeira. Saiu do quarto compartilhado com sua amiga para um pequeno

apartamento, que por menor que fosse com um quarto e cozinha compartilhados, era bem decorado. Cheio de plantas e de almofadas florais que combinavam com a colcha em tecido de chitão. Ali era o seu espaço, seu descanso, suas lições da escola.

Odete trabalhava das 7h às 18h, com o intervalo de uma hora. Esse era o tempo para organizar os estudos, não havia tempo para nada. O lazer não fazia parte da sua vida. Muito jovem com seus dezoito anos, estava só pensando nas possibilidades de crescer nos estudos e na carreira.

No seu trajeto habitual para a escola não percebeu que, na parada do ônibus, um jovem rapaz que sempre estava no mesmo horário ficava esperando que ela chegasse para juntos entrarem no mesmo ônibus. Odete saltava primeiro e Carlos seguia para outra parada, a do seu destino.

No dia a dia de Odete, nada acontecia. No esforço que se dedicava no comércio de roupas, veio a preocupação de ser gerente da loja, com isso mais tempo tinha que ficar na loja. Era responsável pela abertura e fechamento do caixa.

Mas com o tempo, ela percebeu a presença de Carlos. Os olhos começaram a se cruzar e seu rosto com a pele clara ficava rosada, a cada olhar mais perturbador do olhar de Carlos.

Um dia, o ônibus estava com todos os assentos ocupados e não restou espaço para se sentarem separados. Da janela, Odete percebeu seu lugar ao lado sendo ocupado por Carlos. Odete ficou perturbada com a presença tão forte de Carlos. Com isso, começou a suar as mãos, abraçando fortemente os cadernos contra seu peito.

Ali passaram os minutos ao lado um do outro, em silêncio.

Odete acordou diferente, sabia que não havia prestado atenção na classe de aula e algo estava importunando seus pensamentos.

Durante todo o dia não pensava em outra coisa, desde o momento do seu embarque para a escola, no ponto de ônibus. Neste dia, Carlos não apareceu. Ela ficou pensativa, não sabia nada daquele rapaz, mas a sua presença fazia sentir emoções que nunca havia sentido na sua vida.

Depois que desceu do ônibus, andava alguns quarteirões, e lá estava Carlos em outra parada, mas desta vez ele não pegou o ônibus. Ficou sentado no banco do ponto do ônibus parado, só olhando para Odete. Ela ficou toda emocionada, e seu olhar parecia falar: "o que aconteceu? Venha, estou te esperando." Mas assim ficaram olhando um para o outro. E Odete seguiu em direção à escola.

Nesta noite não dormiu, seu sono era perturbador, sentia um calor em seu corpo que parecia queimar, perturbando os seus pensamentos.

Chegou o fim de semana, nada de escola, nada de ponto de ônibus, nada do Carlos. Passou o final de semana mais tedioso da sua vida. Contava os minutos e segundos para chegar segunda-feira, na hora de ir para a escola.

Às 18h saiu correndo da loja que trabalhava, os colegas percebiam algo diferente em Odete, que concordava que alguma coisa a perturbava. Quando chegou ao ponto de ônibus, lá estava Carlos. Achando-o mais bonito e charmoso, para um rapaz de 20 anos.

Toda desconcertada, ajeitou seus cabelos cacheados, passou a mão no seu rosto, talvez para ver se era real a presença do Carlos ali, enfim, já não o via desde a última sexta-feira e estava com muita vontade de vê-lo.

Quando entraram no ônibus, só havia lugares no corredor, Carlos ficou em pé ao lado de Odete o tempo todo. Ali em pé ele podia de vez em quando encostar nas suas pernas em seus braços. Odete ficou estática, não queria se mover, estava muito bom e não queria terminar com aquele momento. E foi aí que ela se deu conta que ter passado o seu ponto de descida. Só mesmo quando Carlos desceu foi que Odete fez o mesmo.

Ficando parada, não sabia para onde ir, que lugar era aquele?

Ao ver de longe que Carlos caminhava não muito longe em outra direção. A sensação daquele calor infernal ainda estava no seu corpo, e se pôs a segui-lo. A passos largos, não queria perdê-lo de vista e, quando parecia não ter mais alguém na rua já deserta virou, e lá estava Carlos, já pronto para dar-lhe um beijo. Aquele foi o seu primeiro beijo! Parecia que tinha levado um choque, foi uma mistura de calor com tremedeira entre as pernas que a fez cair ao chão.

Não sei depois de quanto tempo Odete acordou. Sozinha com tudo que lhe pertencia ao seu lado, jogado ao chão. Levantou e rapidamente se refez, agarrada a tudo, saiu correndo em direção ao ponto de ônibus.

Chegando em sua casa, entrou em na ducha fria e, com o corpo todo molhado, enrolou na toalha e se sentou no canto do quarto sem saber o que fazer, não tinha para quem falar, sozinha, sem amigos ou parentes por perto, sem telefone, ficou ali até adormecer.

Acordou depois de um tempo ainda enrolada na toalha, acabou de se secar, colocou uma camisola e foi se acomodar debaixo das cobertas.

No calor do cobertor, a sensação daquele beijo era perturbadora, o corpo de Odete ardia, não sabia o que se passava. Queria entender o que seria aquilo, que sensação era aquela? Só mais tarde soube o que era aquela sensação, era desejo da paixão.

Chegando atrasada no trabalho, não tinha dormido bem e a ideia de rever o Carlos à noite a perturbava bastante. No ponto do ônibus estava Carlos sentado, parecia mais arrumado, seu cabelo estava diferente, com um topete, o perfume que fez dele ainda mais atraente. Sentou-se ao seu lado, as suas coxas estavam próximas e Odete sentiu o calor das coxas dele na sua.

O ônibus passou e não saíram do lugar, ficaram ali sentados, um ao lado do outro. Quando não havia mais ninguém, Carlos passou a mão nas suas coxas, subiu até os seus seios e lhe beijou novamente. Beijaram por muito tempo, ficaram ali se acariciando até que cada um saiu sem falar nada em direções opostas.

Chegando em casa estarecida, Odete se perguntava: o que estava acontecendo? Eu me entregando a um desconhecido assim, sem nada saber dele, e estava gostando muito dessa sensação. Tudo para ela não era mais importante do que estar ao lado do Carlos.

Por uma semana, Carlos não foi mais ao ponto de ônibus, Odete pensava o que teria acontecido. Teria ele mudado de horário, ou mudado de cidade, enfim, a sua ausência a deixava muito triste e desmotivada de ir para a escola.

Aquela garota apaixonada tinha mudado, já não queria mais comer, seu trabalho já não ia tão bem, e na escola tinha perdido algumas matérias.

Um dia quando saía para almoçar, viu de longe um rapaz que parecia muito com Carlos e então decidiu seguir o rapaz até o seu destino final. Carlos trabalhava em uma gráfica.

Saindo do trabalho, foi direto para a gráfica para observar seu horário de saída, já passavam das 19h e foi quando ele saiu. Em direção ao ponto de ônibus, estava ali o seu novo horário: às 19 h.

Para a casa foi pensando, como não iriam mais pegar o mesmo ônibus, como iria fazer para estar com ele novamente. Sim, estar com ele, com seus lábios e suas mãos deslizando no seu corpo.

Decidida que no dia seguinte iria atrasar tudo, ficou no ponto do ônibus até a sua chegada. Carlos veio caminhando em sua direção, sua aparência não era tão bonita como das outras vezes, seu cheiro era perturbador, mas a sua presença ainda mexia com ela. Sozinhos no ponto de ônibus, foi mais uma vez com suas mãos agora em seu rosto, delicadamente puxando seu rosto perto do dele e com suaves beijos em toda a face, chegou até os lábios de Odete, agora mais sedentos do que antes.

Era um beijo amoroso, havia saudades e atração naquele momento, não queria perder por nada. Foi aí que soltou a primeira palavra: — Vamos para a minha casa!

Sem falar mais nada foram para aquele lugar, para aquela casa que por menor que fosse, se sentia segura e forte.

Ao abrir a porta, foram se beijando e enrolando uns nos braços em todas as direções, e sem mesmo saber já estávamos nus, foi mágico! Havia muita magia naquele quarto, dois adolescentes sem nada saber um do outro, sem nada entender de dois corpos e unidos por uma sensação de desejo, ali juntos, sem querer soltar um do outro em momento algum.

Adormeceram e quando despertaram foi que as palavras começaram a sair. Eram muito jovens, mas já estavam fazendo planos para o futuro e não demorou muito para que se casassem. Foi lindo, Odete sentia como tivesse encontrado seu príncipe. A família tinha vindo do campo para celebrar a felicidade de Odete.

No trabalho todos cooperaram com o seu vestido e com a festa, por mais simples que fosse, aquele era o seu dia mais importante, enfim, Carlos era seu príncipe.

As coisas começaram a voltar ao ritmo normal, escola, trabalho, enfim. Estava tudo indo bem, Carlos chegava em casa mais cedo, saía da gráfica e ia direto para casa. Quando lá chegava, tudo estava organizado, ele era um ótimo companheiro, a ajudava nas tarefas de casa, faziam amor todos os dias e Odete não acreditava em tudo isso, parecia um sonho.

A sua produção na loja e o seu diploma na escola fizeram com que ela crescesse muito e já podiam alugar um apartamento maior. Este já tinha dois quartos, elevador, garagem e até uma piscina. A cidade que moravam era muito quente e assim, nos finais de semana, podiam se divertir na piscina.

Carlos era muito acomodado, não crescia na gráfica e estava ali há quatro anos no seu cargo como empacotador. Já Odete crescia muito na empresa, atingia números cada dia maiores nas vendas e até ampliaram o mercado com novas filiais. Mas nada disso era mais importante do que estar nos braços de Carlos todas as noites.

Chegou o dia do aniversário de Carlos, Odete pediu a sua supervisora para sair mais cedo, pois queria estar linda quando Carlos chegasse do trabalho. Preparou um jantar, colocou as

louças sobre a toalha branca que havia comprado e com flores silvestres finalizou o ambiente, a noite seria regada a muito espumante, doces e um delicioso filé com batata *sauté*.

Queria também arrumar a cama com jogo de lençol com 800 fios para uma noite de amor. O lençol com 800 fios de puro algodão tocaria em suas peles acariciando seus corpos unidos por um desejo de sexo e amor ao mesmo tempo.

Ao chegar no quarto, notava que havia algo diferente, o colchão não estava posto como de costume, a posição das fronhas, a coberta lhe pareceu um tanto embolada, mas isso não era importante, já que ia trocá-las pelo novo jogo de cama compradas para aquela data especial. E como seria “especial”! Foi a noite mais perturbadora da sua vida, e depois a vida de Odete começou a ter outro destino.

Quando foi desmanchar a cama naquela tarde tenebrosa, ao puxar as fronhas dos travesseiros e a colcha da cama, sobre os lençóis brancos ainda um pouco desarrumados viu sobre ele um “fio de cabelo”. Assustada, percebeu que era um fio longo, e ficou ali parada olhando para aquele fio de cabelo. Meio que assustada, seu coração pulava, quase que saindo pela boca, que fechou com uma segura que não conseguia engolir a saliva, saliva esta que nem mais produzia. Ficou como uma estátua, ali em pé de frente para a sua cama, olhando para aquele longo fio de cabelo, que não era o seu. O fio do cabelo era loiro, muito loiro, e o de Odete era preto, muito preto, encaracolado, cacheado e curto, e o outro fio de cabelo era liso, bem liso, longo de um loiro dourado.

Ficou parada ali por uma hora sem saber o que fazer. Pegou

um saco transparente e acomodou o fio de cabelo e guardou em sua bolsa. Como um robô, sem saber dos movimentos que fazia, estava sentindo na cabeça uma dor de como quem levava um soco, começou a arrumar a cama com o lençol de 800 fios, foi para o chuveiro e, com uma ducha fria, deixou lavar todo o seu corpo por tanto tempo, que foi notar o tempo só quando a água já transbordava saindo pela porta em direção à sala.

Nada estava bem, tudo estava perdido, aquele fio de cabelo a transformou. Como um despertar, no impulso Odete começou a secar o banheiro, a sala e, finalmente enrolada ainda com os cabelos ensaboados e perfumados pelo xampu escolhido para aquela noite, chega Carlos.

Para sua surpresa, vendo tudo tão organizado, a mesa, o quarto, ele a pegou pela cintura e começou a beijar na nuca ainda molhada, o cheiro do seu cabelo exalava mais forte pelas carícias e o calor dos corpos. A toalha caiu levemente pelo assoalho da sala e ali se envolveram completamente. Neste momento Odete esquecera de tudo, e só queria viver aquele momento. Da sala foram para o quarto e, entre os lençóis novos, fizeram mais amor como de uma despedida, Odete queria mais e mais até adormecer.

O jantar ficou para a madrugada e assim foi, sob a luz de velas jantaram, beberam o espumante e com o chocolate se lambuzaram com beijos e o amor foi feito, mais e mais. A ideia de Carlos ter outra pessoa a fez ficar enlouquecida, e a toda hora queria estar com ele, fazer amor com ele.

Passado tudo isso, em sua bolsa sempre estava aquela embalagem transparente com o fio de cabelo. Como nova

moradora do prédio, ainda não conhecia a vizinhança. A parte da piscina não estava pronta e com isso sempre ficaram em casa nos finais de semana. Mas a pergunta sempre vinha sua mente, de quem era aquele fio de cabelo?

Começou a observar a vizinhança, nas entradas e saídas e dentro do elevador. A cada movimento em que a porta abria queria ver se aparecia uma mulher loira, com seus fios de cabelos longos. Ficou obcecada por essa situação, parecia que ia enlouquecer. Algumas loiras apareciam, mas nunca com aquele comprimento de fio de cabelo, como o que estava na sua bolsa.

Teve um dia que entrou uma mulher linda, alta e loira mas seu cabelo era curto, mas pensou que poderia ter cortado, mas a cor parecia diferente, poderia também ter pintado, mas esse ainda não era o fio de cabelo que estava sobre a sua cama. Já sem esperança que pudesse ser de alguma vizinha a mulher do fio de cabelo. Sem mais esperança de a encontrar dentro do elevador, parecia que já tinha conhecido todos os moradores do prédio.

Foi no sábado na piscina já consertada, no final do dia, que apareceu, toda bronzeada e com o seu micro biquíni, uma loira toda exuberante, que andava com passos pequenos, balançava o quadril com suavidade e quase em sintonia balançava seus longos cabelos. Seus fios tinham o mesmo comprimento do fio de cabelo que guardava em sua bolsa.

Carlos não estava ali, estavam só as duas. Odete ficou observando a maneira como a loira ficava se bronzeando ao sol. Mas nunca havia visto ela no prédio, devia estar sempre fora, pois aquela era a primeira vez que a havia visto.

Sempre com seus cabelos secos, cacheados e muito pretos, Odete fez essa comparação ao da loira que estava ali. Não que ela não gostasse deles, mas não se importava muito com isso. Queria ser saudável, alegre e bem-sucedida, isso tinha conseguido ser até aqueles dias.

Sua chefe sim, tinha problemas sérios com seus cabelos. Tinha sofrido *bullying* na escola, por ter seus cabelos ralos e enrolados, sempre sofria com eles e sempre estavam amarrados, úmidos ou secos, não conseguia vê-la sem o rabo de cavalo.

Nesta época começavam os alisamentos com formol, condenados pelo Ministério da Saúde pois causava até morte, o cheiro era horrível, mas em um passe de mágica todas as mulheres de cabelos secos e cacheados começaram a ter cabelos lisos. Como a famosa chapinha, os cabelos ficavam lindos e brilhantes, porém caíam sim, caíam com o tempo, algumas ficavam carecas, outras ficavam com pouquíssimos cabelos, mas começou uma nova era na indústria de produtos para todos os tipos de cabelo.

Com esses pensamentos ficou na piscina observando aquela linda mulher, que com certeza era a dona naquele fio de cabelo que achara na sua cama, naquele dia do aniversário do seu Carlos.

Naquele momento Carlos chegou, e passando por aquela mulher ao vê-la a cumprimentou pelo seu nome, Mara, não teve dúvidas! Naquele troca de olhares havia mais que um cumprimento, havia um caso!

Mas quando Carlos chegou até Odete, carinhoso, ela pensou que não pudesse ser Mara a dona do fio de cabelo. Carlos chegou tão ardentemente e a beijou como nunca havia feito. Aquele beijo

estava diferente, os seus lábios estavam mais carnudos e doces, e ficaram se beijando e acariciando por longo tempo. O lugar em que estavam e a presença de Mara não os incomodava, pois o prazer era maior.

Mara continuava na piscina e como nadava com suavidade o nado borboleta, lhe dava a imagem de uma mulher forte, o nado de costas dava a ela uma leveza de uma bailarina e o nado de crawl a força de um animal. Quando terminou de nadar, ficou ali na borda da piscina, alongava as pernas, e por ela Carlos passou lentamente.

Houve uma troca de olhares, Carlos mergulhou e saiu em direção à Mara, e Odete percebeu que as pernas de Carlos se entrelaçaram com as pernas de Mara. Carlos chegou até Odete, a beijou e saiu em direção ao hall para tomar o elevador.

Mara saiu rapidamente da piscina enrolada em sua canga florida e quase que junto a Carlos, indo também em direção ao elevador. Odete queria ter tido tempo para ir junto na mesma direção, mas lhe faltava movimentos, a lembrança do fio de cabelo nos lençóis da sua cama ainda a perturbava.

Resolveu que nadar muito seria algo bom para relaxar e pensar só naquele beijo que acontecera na piscina. Começou a nadar, estava se sentindo bem melhor, nadar trazia paz, a água lhe fazia ficar leve e tudo ficou calmo em sua mente. Ao descansar na beirada da piscina a água já estava calma, a agitação das braçadas e pernadas de Mara já haviam terminado e, como espelho d'água, ficou observando que o sol batia na piscina e reluzia sobre um fio brilhante.



A PoD Editora garante, através do selo FSC de seus fornecedores, que a madeira extraída das árvores utilizadas na fabricação do papel usado neste livro, é oriunda de florestas gerenciadas, observando-se rigorosos critérios sociais e ambientais e de sustentabilidade.

Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844
www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

2020